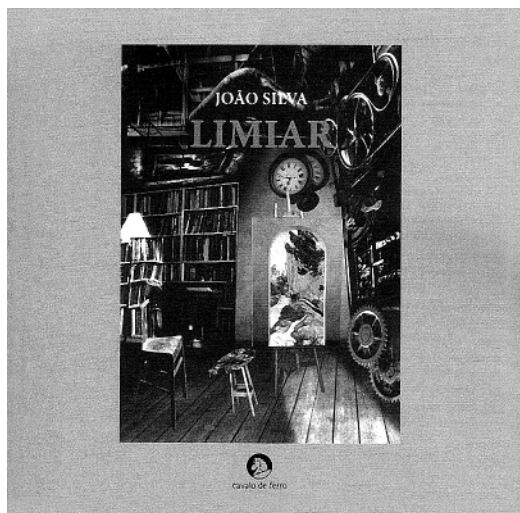


O limiar entre os homens

Fernando Claudino



João Silva, *Limiar*, Lisboa, Cavalos de Ferro, 2010, 65 pp.

personagens que a constituem. Importa novamente realçar o contributo dos actores no processo de construção das personagens, iniciado com a sua formulação escrita, dotando-as de respiração, vida própria e uma quase autonomia dentro do colectivo artístico. A especificidade de registos provenientes de actores com diferentes perspectivas e sensibilidades traduziu-se, com efeito, numa diversidade de cores e *nuances* distribuídas pelas personagens recriadas em palco, como se pôde confirmar no espectáculo.

No texto de João Silva, o limiar apresenta-se como uma barreira ou linha imaginária, que separa os limites de cada ser humano, encerrando-o no seu próprio mundo. Composto por grades metálicas e redes suspensas sobre o palco, o cenário de *Limiar*, da autoria de Rui Francisco, recriava um mundo aprisionado, onde os objectos de movimento circular (jantes de automóvel, volantes, ventoinhas) coabitavam com peças de mobiliário angulares (estantes e cadeiras), mergulhados numa quase penumbra. Era desse plano de sombras que emergia a composição musical, hipnótica e quase minimalista, reveladora da sensibilidade do seu autor, Adriano Filipe, numa sábia criação de atmosferas adequadas a este espectáculo, complementado pelo coerente desenho de luz de Carlos Gonçalves. Nesse "limiar" assim criado os actores incorporavam a entrada de luz, trazida à cena pelas suas palavras. Envergando figurinos coloridos e fantasiosos, imaginativamente concebidos por Joana Gomes, cada actor representava uma personagem distinta, com a sua própria história, revelada aos espectadores de forma faseada.

Oferecido ao público – e ao leitor – como um desafio actual, *Limiar* apresenta-se, efectivamente, como um texto / espectáculo do tempo presente, repleto de questões e aflições, suscitadas por uma sociedade que se demite do homem estigmatizado. O mundo – opressor e cruel para com a diferença – é descrito como uma esfera bipolar e globalizada, que marginaliza o indivíduo atormentado.

Com efeito, a globalização caracteriza-se pela imposição de normas, formas e modelos, ampliando desequilíbrios e desigualdades na relação do homem com o mundo, criando um abismo entre duas margens. Se, por um lado, existe riqueza e consumo desenfreado, por outro, existe miséria e abandono. A informática revela-se como um sintoma da sociedade bipolar, significando a "quarta pulsão revolucionária tecnológica" e excluindo todos aqueles que não se encontram "informatizados". Por último, mas não menos importante, o *stress surge* como a "oitava praga", ou "o mal do século", fruto da depressão global em que o

Naquela que é a sua segunda peça editada pela editora Cavalos de Ferro – depois de *Tardos à deriva* em 2004 –, João Silva, homem do teatro (que se iniciou na Casa da Comédia) e encenador do Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos desde a sua fundação (1968), apresenta um texto dramático resultante de conversas e discussões havidas em conjunto com um grupo de doentes-actores em acompanhamento naquela unidade hospitalar. Desse texto resultou o espectáculo com o mesmo nome, com ante-estreia no Teatro Garcia de Resende, de Évora, em 2009, e posteriormente levado à cena em Lisboa, no Teatro Nacional D. Maria II e no auditório do Instituto Português da Juventude.

Apostando num "teatro dirigido", como veículo expositor de problemas, anseios e inquietações comuns a todos os homens, mas tantas vezes escondidos ou disfarçados, João Silva revela nesta sua nova peça os efeitos didácticos e libertadores do teatro, verdadeiro lugar de catarse e de confronto do homem com o outro e também consigo próprio.

Limiar trata as problemáticas da diferença e da exclusão social face a um mundo globalizado, artificial e cada vez mais indiferente ao sofrimento humano. Nesta obra a esfera dos medos, incertezas e afectos colide com os quadros virtuais vigentes, criados e normalizados por entidades invisíveis, mas presentes de forma opressora no quotidiano do indivíduo estigmatizado. Perpetua-se, deste modo, a solidão, enclausurada pela estranheza, a repulsa e a intolerância para com aqueles que se afiguram como diferentes aos olhos de uma sociedade distante, fria e padronizada.

A solidão assume, aliás, um papel central nesta obra de João Silva, anunciando-se inexoravelmente nas nove

Fernando Claudino é licenciado em Estudos Artísticos – Artes do Espectáculo, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, sendo profissionalmente Técnico de Ambiente, tem-se dedicado ao teatro como actor amador sob o nome Fernando Serpa.

<>

v

Limiar,

escrito e enc. João Silva,

Grupo de Teatro

Terapêutico do Hospital

Júlio de Matos, Lisboa,

2009 (< Manuela Almeida

e Pascoal Barros;

> Filipe Carmo,

Sandra Santos, Noé Guill,

Manuela Almeida

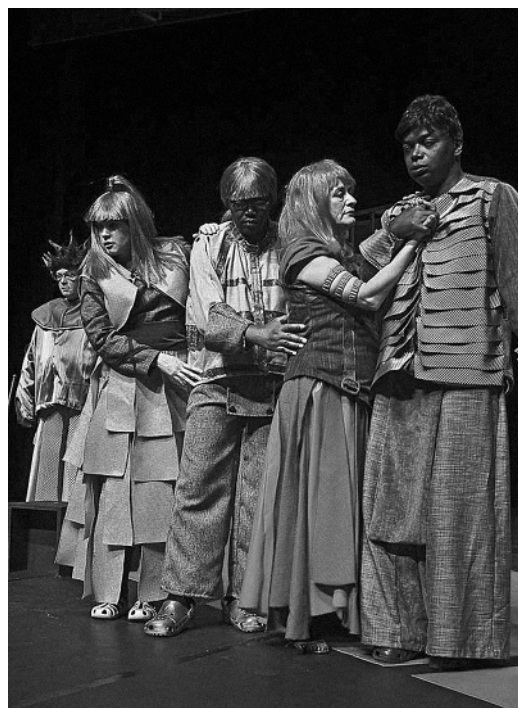
e Pascoal Barros;

v Olga Varanda, Sandra

Santos, Noé Guill

e Manuela Almeida),

fot. Manuel José Alves.



mundo se encontra mergulhado. Neste contexto, e sem catálogo que a defina, a solidão propaga-se como um vírus, independentemente da sanidade mental, através da alienação, da exclusão, ou do isolamento deliberado.

Tendo como ponto de partida o mundo dos sonhos e da imaginação, o medo e o trauma são aqui revelados como relacionando-se com as vivências de infância, o contacto com contos infantis, designadamente *O capuchinho vermelho*, *Alice no país das maravilhas*, ou *Branca de Neve e os sete anões*. O efeito traumático materializa-se na subversão desses mesmos contos e histórias, corrompidos por experiências familiares e pessoais, que marcaram a criança em determinado momento. O conto infantil modificado torna-se assim num reflexo do corpo adulto destroçado, na medida em que o preconceito e o isolamento social nascem quando a criança se apresenta como "diferente" aos olhos das outras crianças. Nesta obra de João Silva, medo e trauma assumem papéis determinantes contra a razão de existir, favorecendo a alienação do sujeito, impedindo-o de estabelecer metas individuais e de atravessar novos caminhos evolutivos.

Na representação destas experiências em cena refira-se a passadeira vermelha no cenário do espectáculo: ao atravessar na diagonal o espaço cénico até à boca de cena, a passadeira assumia-se como uma ponte entre o público e os actores, unindo os diferentes lados da "barreira", que nunca se tocam, mas sentem e reagem, para lá do "limiar".

Numa sociedade sem tempo para se ocupar do "outro", este texto de João Silva apresenta-se como um protesto contra as barreiras que separam o corpo dos afectos e a mente da tolerância. Assente num discurso bipolarizado, constituído essencialmente por dois lados opostos para todas as questões, *Limiar* não cede espaço para uma zona intermédia, ou de compromisso, entre o padrão normal e anormal. No entanto, e sem cair no maniqueísmo, este texto sugere a procura de caminhos de mudança que, pelo desejo, estímulo e vontade, possam conduzir à semelhança entre os homens, independentemente das suas particularidades.



Nesta obra, a superação do medo e a desconstrução do preconceito surgem como elementos fundamentais ao desenvolvimento e ao equilíbrio humano, tendo em vista a integração e aceitação numa sociedade mais justa, tolerante e participada. A responsabilidade recai, igualmente, sobre o sujeito estigmatizado, que deve combater esse efeito como um autêntico desafio, no âmbito das suas possibilidades.

Pontuado por momentos de humor, através da subversão de histórias e vivências, *Limiar* incomoda por ser verdadeiro na denúncia de muros invisíveis que sabemos estarem por perto. Ocorre, em simultâneo, um confronto positivo com o público, ainda preso a receios relativamente à doença ou ao distúrbio mental. Da parte dos actores em palco existe a catarse, a paixão e a certeza de um contributo digno e válido para o esclarecimento e abertura de mentalidades, não fosse esse um dos deveres maiores do teatro, enquanto agente de intervenção social através da arte.

Com *Limiar*, João Silva revela, mais uma vez, a importância do trabalho artístico, terapêutico e social realizado num grupo de teatro ao longo de quatro décadas e por onde já passaram dezenas de actores, criativos e técnicos, apostados em fazer teatro sem qualquer medo ou preconceito.